

## O DIA DA CRIAÇÃO ENTRE OS TICUNA

Monique Deheinzelin\*

Nos meses de julho de 1993 e fevereiro de 1994, dei cursos de Língua Portuguesa e Matemática para cerca de 200 professores Ticuna que, por sua vez, dão aulas em suas aldeias para crianças de pré-escola a quarta série. Estes cursos foram dados na escola batizada de Casa de Estudos Torü Nguepataü, construída pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües (OGPTB), na aldeia de Filadélfia. A possibilidade de estarmos juntos naquele momento deveu-se ao convite de Jussara Gomes Gruber, que há tantos anos desenvolve com os Ticuna um trabalho de grande importância, criando e desdobrando o Magüta: Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, Amazonas.

Devo dizer que tanto eu como os professores Ticuna tivemos uma experiência inédita, o que ficará explicitado adiante com o relato das atividades que realizamos. Eu nunca havia trabalhado com Educação Indígena, sendo na minha vida profissional especialista em educação pré-escolar. Entretanto tinha a idéia de que a única saída de uma visão maniqueísta do inevitável choque entre brancos e índios é o curso de uma cultura no fluxo de tantas outras culturas, todas elas transformando-se, não segundo os piores modelos, e sim segundo os melhores de quaisquer das culturas do mundo. Assim, pensei, não prevalecerão as aspirações atuais de

\* Educadora, assessora desde 1992 o Projeto de Educação Ticuna do Magüta — Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões.

ascensão social no Brasil: dinheiro e poder, mas outras mais próximas à felicidade humana: arte e cultura.

Fui, então, para o curso com alguns preconceitos: uma opção pela universalidade da importância da arte e da cultura para qualquer povo do mundo, a educação como via de acesso democrático a todo e qualquer conhecimento e as diferenças entre culturas originalmente ágrafas e aquelas que, há alguns séculos, se valem da escrita como instrumento de registro.

Pensando neste último item, ocorreu-me que, contrariamente à esperança dos professores Ticuna, o modelo civilizado de escola não tem garantido a todos os cidadãos as supostas benesses do mundo do homem branco. É na realidade um modelo falido de educação, na medida em que não oferece suportes para a felicidade humana, mas apenas é concebido como instrumento de ascensão social. Assim, este uso instrumental da leitura e da escrita não admite as dimensões humanas das diversas culturas. Pensei então em levar textos literários **para** que, por intermédio deles, pudéssemos conversar sobre as coisas do mundo.

Como trabalho preliminar, os professores Ticuna responderam a três questões:

- 1) Qual sua opinião sobre a idéia de construir esta escola?
- 2) Para que serve a escola?
- 3) O que você quer aprender neste curso?

Reproduzo a seguir algumas respostas, entre tantas tão boas, infelizmente sem o crédito de seus autores, uma vez que ao anotar perdi estes dados.

*Aprender neste curso a criar vida das crianças com educação.*

*A educação serve para conhecer o que o branco sabe no nosso futuro.*

*Na educação vem uma atividade muito excelente: como conhecer a maior amizade e como a gente trabalha com alunos.*

*Eu quero aprender um movimento dos outros professores que dão aula.*

*A Educação serve para desenvolver as articulações de cada ser.*

*Neste curso quero que os professores coloquem detalhes, estes acima mencionados —plano de Matemática, Português, Ciências, Estudos Sociais.*

*Por que a educação, que já vem da nossa casa; se nós não tivermos educador? Não podemos nos defender das pessoas que querem enganar nós. Por isso a educação vem em primeiro lugar para nós.*

*A educação serve para bem de cada um cidadão brasileiro basicamente para desenvolver cada uma nação.*

*Aprender neste curso muita técnica base e muitas experiências para trabalhar — levar as coisas nossas para as crianças da minha comunidade.*

*Educação vem da mãe e do pai, do avô e da avó.*

*Educação é importante para todos nós Ticuna, porque, assim vamos conhecer a importância da cultura e da própria pessoa.*

*A escola é onde os professores aprendem muita coisa que nunca aprendeu na sua vida.*

*A educação serve para repartir com as crianças que ainda não sabem escrever.*

*A minha idéia de construir esta construção é muito importante porque muito, muito tempo tenho profundo sonho de ter uma construção própria. A educação serve as pessoas transformar como respeitar uma ao outro. A educação também serve para ser umas pessoas úteis.*

*A educação serve para os professores educar mais, para que pode conseguir mais suas culturas.*

*(...) fundado a sabedoria para as nações.*

*Para nós não esqueceram a nossa cultura, para não desolado daqui para frente.*

Compreendendo que havia, de um lado, uma expectativa grande em aprender a elaborar planos de aula de acordo com as ideologias, técnicas, experiências e modelos estipulados e aprendidos nas escolas que os professores Ticuna chamam "dos civilizados", de outro lado, um desejo de valorizar a própria cultura, segundo

concepções poéticas e mais humanas da educação, resolvi obviamente adotar a segunda vertente. Desvendando com os professores alguns dos significados e possíveis desdobramentos das respostas, procurei argumentos para justificar minha escolha.

Ficamos com "criar vida das crianças com educação", "fundado a sabedoria para as nações", "educação é importante para todos nós Ticuna, assim vamos conhecer a importância da cultura e da própria pessoa", e "por que a educação, que já vem da nossa casa; se nós não tivemos educador? Não podemos nos defender das pessoas que querem enganar nós. Por isso a educação vem em primeiro lugar para nós". Neste quadro de referência, procuramos ver quais transformações podem ocorrer em uma sociedade, à medida que ela pode fazer uso da leitura e da escrita para registrar suas experiências e ter acesso a outras que vêm ocorrendo pelo mundo.

Além disso, valendo-me da grafia "prender" que alguns professores utilizaram para escrever "aprender", investigamos a seguinte analogia: assim como se faz uma rede, uma cesta, uma canoa para pescar, mas depois não se sabe se a pesca vai ser boa, que peixes virão, em que quantidade, também não se sabe, com os recursos que se usa para aprender, o que será prendido nas malhas do conhecimento. Pode-se aprender a aprender, mas o que se prende é sempre um mistério.

Assistindo ao programa em vídeo *A avó, o dinossauro e o Deus*, da série *Menino, quem foi teu mestre?* (Projeto Professor da Pré-Escola, MEC/FRM/Ed. Globo), tivemos a idéia de escrever sobre o tempo, referido no título do programa por uma aluna minha que perguntou: "Monique quem é mais velho, minha avó, o dinossauro ou o Deus?"

Uma das redações sugeriu-me possibilidades de trabalho. A redação na íntegra é a seguinte:

*Medida do tempo*  
*História do antigamente*

Agora nós vamos ver a história do tempo passado do antigamente.

Naquele tempo passado não existia o dia. Era sempre noite. Os galhos da samumeira eram muito grandes e cobriam o mundo, escurecendo tudo.

Um dia um homem falou a outro homem:

— Irmão, irmão, o que nós vamos fazer para clarear o dia?

— Resolveram então procurar um caroço de araratucupi para ver se conseguiam abrir um buraco na samumeira. Logo que acharam homem jogou o caroço na samumeira. Fazendo um barulho: Fururu! eeeee, mas nem um pouquinho de luz apareceu. Homem então falou para o irmão fazer o mesmo. Homem jogou o caroço e se ouviu um outro barulho: muito, muito, muito! Desta vez se abriu um pequeno buraco e se pode ver um pouco de luz. Mas essa luz logo desapareceu, porque os galhos da samumeira eram vivos e se fecharam.

Homem falou: — Irmão, irmão, o que nós vamos fazer agora?

Ficaram pensando em algum animal que pudesse derrubar a árvore. De repente ouviram a voz do pinica-pau: pururu. Homem, então, convidou este passarinho. Quando o pinica-pau chegou,

tentou cortar a árvore com seu bico, mas não conseguiu e foi embora.

Homem e outro parceiro ficaram pensando... aí ouviram no buraco de um pau uma voz que fazia: tu, tu, tu, tu, tu.

— É uma cotia. Vamos chamá-la — disse homem.

— É uma cotia mesmo. Ela tem um machado — disse homem.

Homem se interessou por este machado e queria matar a cotia para ficar com ele. Mas homem alertou: mas.

Somente nada mas.

Professor: Bernardo de Souza Agostinho

Segundo o que Bernardo contou, a história "estende-se infinito, imenso monolito", usando aqui os dizeres de Gilberto Gil sobre o amor, em sua canção *Drão*, para falar como é tão grande a *História do antigamente*.

Uma vez que os Ticuna estão muito preocupados com a interseção entre a sua própria cultura e a cultura cristã até hoje utilizada em larga escala para supostamente catequizar os índios, procurei ver com eles que a escrita nos possibilita investigar nossa cultura em relação a outras tantas culturas do mundo.

Fizemos então uma análise comparativa entre a origem da luz segundo os antigos gregos, a Bíblia e a cultura Ticuna.

Os professores Ticuna começaram por indagar se o que está no Gênesis da Bíblia, assim como a criação da luz pelos Ticuna, da grande árvore que envolvia tudo, era fato histórico ou história. Reinaldo disse que era estória, mas como os bisavós foram contando para os avós, os avós para os pais, etc, virou fato histórico, o que me pareceu uma singela e potente definição de mito.

Os Ticuna, de imediato, acharam semelhantes a concepção dos gregos e a dos Ticuna, porque nelas a luz surgia da Natureza e não da criação de um único Deus. Enquanto os irmãos Yo'i e Ipi valeram-se das plantas e dos animais para conseguir fazer a luz, na mitologia grega, os elementos primordiais surgiram do Caos, sem intervenção de nada e de ninguém, e nisto as duas formas de criação são bem diversas. Entretanto, a partir de um determinado momento, que nada pudesse ser criado sem a união de dois seres, alvejados pelas flechadas certeiras de Eros, pareceu aos Ticuna um fato muito plausível.

Em nossa análise comparativa, um fato preocupou os Ticuna, a existência de um único Deus, com poderes ilimitados, ou de vários deuses, com poderes limitados e específicos. Neste ponto, dado que a questão era séria, os professores iniciaram uma discussão em língua Ticuna que durou uns dez minutos. Ao fim dos quais, o Davi levantou-se e como porta-voz anunciou:

*Professora, os pessoal já tem uma opinião! Achamos que Deus, com D maiúsculo, criou tudo no início do mundo, inclusive os nossos irmãos Yo'i e Ipi<sup>1</sup>. Depois que os*

<sup>1</sup> Yo'i e Ipi São heróis míticos, criadores do Universo.

irmãos foram criados eles continuaram o trabalho de criação e foi assim que apareceu o povo Ticuna, com toda sua cultura. Está certo, professora?

Respondi honestamente que não sabia se estava certo. Quem, em sã consciência, sabe a verdade sobre essas questões? O que me parece importante, disse para eles, é a gente saber que existem muitas maneiras de conceber a origem do mundo e que nenhuma delas deve necessariamente prevalecer sobre as outras, e que é muito interessante — nos faz refletir, ter acesso a uma porção delas por intermédio dos registros escritos. Na educação, a escrita contribui para compreendermos o mundo como uma multiplicidade de fenômenos, de ondejamais se pode extrair uma verdade absoluta, contrariamente ao que a educação tradicional vem transmitindo ao longo dos séculos. Às vésperas do ano 2000, precisamos atualizar, tornar contemporâneos os procedimentos pedagógicos que transmitem mecanicamente a idéia de verdades absolutas. A escola, dura como pedra em seus procedimentos até agora, deverá tornar-se móvel como a água do rio.

## Poesia

Para o trabalho com Língua Portuguesa fizemos uma cuidadosa leitura de alguns poemas.

Em um sábado, trabalhamos com o poema *O Dia da Criação*, de Vinicius de Moraes (1992, p.145):

Macho e fêmea os criou (Gênesis, 1, 27).

Hoje é sábado amanhã é domingo  
A vida vem em ondas como o mar  
Os bondes andam em cima dos trilhos  
E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar.

Há uma festa na escola  
Porque hoje é sábado  
Há uma reunião de alunos  
Porque hoje é sábado  
Há um assobio no vento  
Porque hoje é sábado

Diócinio Sampaio Félix

Onde lemos na última estrofe uma referência ao poema de Leminski, com o qual havíamos trabalhado anteriormente.

Háver tempo de flores  
porque hoje é sábado  
Háver tempo de chifres  
porque hoje é sábado  
Háver formiga e abelha  
porque hoje é sábado  
Háver a criação do universo e da raça humana  
porque hoje é sábado

Professor Liverino Haides Otávio

Nesta versão do professor Liverino explicita-se o verbo haver, cuja conjugação no presente — há — faz parte do poema original. Múltiplas formas foram utilizadas por outros professores, na leitura que fizeram deste "Há".

Como interjeição:

Há como é sublime saber amar  
Porque hoje é sábado  
Há coração não há quem posse

Professor Sixto Sampaio Farias  
(Aldeia de Umaruaçu, AM)

Como interjeição e "há" do verbo haver convivendo alegremente  
na mesma frase;

há eu sentir feliz  
Por que hoje é sábado.

há eu pençá na nosso cursos  
Por que hoje é sábado.

há eu lembra o nosso estudo  
Por que hoje é sábado.

há agora eu ficou pençando com a nossa aula  
Por que hoje é sábado.

há um dia voltamo de novo  
Por que hoje é sábado.

há um à um a explicação de professora é muito bom.  
Por que hoje é sábado.

Darciano Manduca Bibiano

Como artigo:

Há escola está fechada  
Porque hoje é sábado

Wilson dos Santos Manoel

Há Professora Jussara fica muito alegre  
Porque hoje é sábado

Antelmo Pereira Angelo

Há Vera foi ao bar  
Porque hoje é sábado

Professor Missionário Miguel

Como parte de outra palavra:

Há manhã não trabalho  
Porque hoje é sábado

Professor Wilson dos Santos Manoel

Há cachado não paciar porque ele mordido de cobra  
Porque oji é sábado

Júlio Pedro Idelfonço

ha ventista vão para Igreja  
porque hoje é sábado

Adelano Fernandes

Todos estes são geniais exemplos de erros construtivos, incluindo  
aí a grafia perfeitamente lógica, embora ortograficamente  
incorreta de *oji*.

Estas diversas formas estão sintetizadas em:

Há dama estava dançando na festa  
Porque hoje é sábado  
Há um tempo de descansar  
Porque hoje é sábado  
Há manhã vem minha família a passear  
Porque hoje é sábado  
Há um tempo de colheta  
Porque hoje é sábado  
Há vou beber cachaça depois a tarde  
Porque hoje é sábado  
Há vou-mi namorar hoje  
Há comensei a estudar desde hontem  
Porque hoje é sábado  
Há galha começou a grutar  
Porque hoje é sábado  
Há doença matou a onça  
Porque hoje é sábado.

Nicodemo Jumbatodos Santos

Para não menosprezarmos as dificuldades ortográficas dos Ticuna, que o texto acima, de um homem, cujo nome maravilhoso junta "demo" e "todos Santos"!, tão bem exemplifica, basta colocarmos-nos no lugar deles e tentar escrever em língua Ticuna pelo som das palavras. Fiz isso, pedindo que os professores me ditassem letras das canções Ticuna para que eu as escrevesse na lousa. Resultado do placar, dez a zero para os Ticuna escrevendo em português.

Porque hoje é sábado  
Há abraçaste só no peito, e eu lembrei que nós Ticuna precisar

de encontrar mais, aquilo nosso passado não encontraram, é por isso esse curso a minha memória se aberta.

Nery

Algumas pessoas ficaram atentas às rimas:

Há uma grande alegria  
Porque hoje é sábado  
Há uma menina que eu queria  
Porque hoje é sábado  
Há uma disputa de troféu  
Porque hoje é sábado  
Há um dia cruel  
Porque hoje é sábado

Valdino Moçambite Martins

Assim como o poema de Vinícius de Moraes é uma espécie de crônica da vida no Rio de Janeiro, cuja leitura cuidadosa nos custou toda uma tarde, para que pudéssemos decifrar suas idas e vindas, algumas pessoas fizeram uma espécie de crônica da vida no Alto Solimões:

Há Yo'i nasceu no joelho de Ngutapa  
Porque hoje é sábado  
Há eu consegue muita coisa aqui na casa do curso  
Porque hoje é sábado  
Há um pescador foi pescar no lago e matou um pirarucu bem grande  
Há Mamãe quebrou uma tartaruga ovada  
Porque hoje é sábado

Miguel Avelino Firmino

E, finalmente, uma versão onde todos os elementos vistos acima estão integrados:

### *O Dia da Criação*

Hoje é sábado, amanhã é domingo.  
A vida vem em ondas, como mar.  
Os navios navegam em rio Solimões.  
E nosso senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar.  
Há grande cardume de peixe  
Porque hoje é sábado  
Há lenhas em feixe  
Porque hoje é sábado

Há frutas vitaminosas nas aldéias  
Porque hoje é sábado  
Há pessoas trocando idéias  
porque hoje é sábado  
Há florestas verdes com maior beleza  
Porque hoje é sábado  
Há homens poluindo ar e água da natureza  
Porque hoje é sábado  
Há pessoas rico e pobre  
Porque hoje é sábado  
Há colheita de frutas para a produção da comunidade  
Porque hoje é sábado  
Há reporteiros de outros lugares comunicando novidade  
Porque hoje é sábado  
Há importância da natureza humano chamada vida  
Porque hoje é sábado

Há pessoas pagando dívida  
Porque hoje é sábado

Raimundo L. Ferreira

Nesta altura vejo que, sem que houvesse uma intenção prévia, existem muitas referências bíblicas nos textos que nos serviram de base. Gênesis, Adão e Eva nos advertem que para os seres humanos, contrariamente à situação dos bichinhos silvestres, o Paraíso de fato está perdido. Para nós homens, as coisas em si são inteiramente abstratas até que as conheçamos, quando então se tornam sutis e flexivelmente concretas. Este foi o assunto de uma de nossas aulas.

Conversarmos sobre estas coisas não foi fácil, mas com exemplos as questões foram tomando corpo e tornando-se mais claras para nós: na natureza existem os trinos dos pássaros; para representá-los precisamos de flautas ou outros instrumentos musicais, precisamos saber como tocá-los; em algumas culturas, utiliza-se a notação musical para compor ou registrar música: entretanto, as melodias ou as canções são mais que isso, envolvendo nossos corpos, coração e mente em um turbilhão de sentidos. Assim, entre o som e o sentido, existe todo um universo, de forma análoga à tragédia existente entre a necessidade (como, por exemplo, a fome) e o desejo (a vontade de comer).

Nestes caminhos, entre o som e o sentido, fomos muito bem-sucedidos no aprendizado da canção *Sapo Cururu* e muito malsucedidos na leitura do poema de Manuel Bandeira (1989, p.64), *Porquinho-da-Índia*.

Aprendemos a cantar o *Sapo Cururu*, ouvindo com grande deleite uma fita com canções infantis produzida na Bahia. Tendo em

vista um plano de curso para as classes de alfabetização e letramento dos professores, escrevi a letra da canção na lousa e todos copiaram em seus cadernos. A seguir, cantamos várias vezes cada uma das estrofes, até nos assegurarmos que todos a tinham decorado. E depois seguiram-se dias e dias de canto e usufruto da canção. Do ponto de vista dos alunos que podem se beneficiar deste tipo de atividade, ela permite uma interseção entre língua pronunciada e língua escrita, que possibilita grandes avanços na compreensão do modo de construção e dos usos e funções do código alfabético. Sabendo-se a letra da canção de cor, fica muito mais possível investigar as formas de escritura.

Entretanto, com o *Porquinho-da-Índia*, não avançamos muito. Após uma primeira leitura, houve uma discussão em língua Ticuna e o Davi disse: Professora, os pessoal quer saber se o porquinho veio da Índia ou se é uma espécie, como no caso de cachorro-do-mato. Respondi que não sabia ao certo, mas achava que, inicialmente, o porquinho veio da Índia e aqui tornou-se uma espécie. Outra discussão e novamente o Davi: Professora, os pessoal quer saber se o Manuel Bandeira ganhou o porquinho agora, ou quando ele tinha seis anos, isto é, se a poesia dizia de algo que aconteceu há muito tempo, ou no tempo presente. Em seguida, os Ticuna queriam saber se o porquinho era grande ou pequeno, liso ou peludo, preto ou malhado, e eu que não conheço bem esta espécie não pude contribuir com muita coisa. Esbarrando na dificuldade de ter que elucidar características do bichinho, não pudemos seguir à frente.

Questões como esta, sobre toda espécie de animais, eram colocadas com frequência, causando-me um certo embaraço por não saber descrever e desenhar na lousa os animais que eles não co-

nheciam. Houve uma circunstância em que tivemos a impressão que as portas do conhecimento iam se abrindo de par em par para nós, em uma progressão sem fim, quando falando dos ideogramas chineses e japoneses, acabamos na lula e no polvo. Levei para o Alto Solimões uma matéria da *Folha de S. Paulo* sobre a história de várias escritas do mundo. Conteí para eles que o papiro, onde os egípcios escreviam seus hieróglifos, era semelhante ao tururi que os Ticuna usam para pintar e que os chineses usam tinta nanquim, extraída da lula e do polvo, animais que não têm outra defesa senão lançar esta tinta preta que despistar os seus inimigos. Bem, neste ponto Jussara nos socorreu desenhando com muita maestria um polvo na lousa, em tamanho natural para o caso de um polvo grande. Mas como descrever a extensão e a beleza do mar, onde estão o polvo e a **lula**, para pessoas que nunca estiveram no litoral? Não deve ser tão difícil assim imaginar a imensidão da água salgada para quem, como cada um dos Ticuna, viveu sempre nas margens de grandes, **larguíssimos** rios.

A leitura em comum de alguns textos produz um contexto literário à medida que os leitores ficam familiarizados com o enredo da história, com seu universo para o qual somos catapultados pelo ato de ler, com a sua forma de realização lingüística. A única consequência do uso da escrita, aquela que realmente importa, é compartilhar de contextos literários com todos os povos do mundo.

Em outra proposta, com espírito semelhante, trabalhamos com o poema *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes (19-, p.363). **Aqui**, nos servimos inicialmente dos parâmetros de um texto escrito e não mais de um relato oral. Uma vez que, neste mês de fevereiro, fomos brindados com a chuva amazônica quase ininter-

rupta a qual, diga-se de passagem, brindou também o Ministro da Educação Murílio Hingel em sua presença, por ocasião da festa de encerramento do curso, e dado que o telhado da Escola Torü Nguepataü é de zinco, parte das aulas foram dadas com cópias de textos escritos na lousa e analisados por intermédio da mímica e muitas risadas, já que voz humana não se ouvia. Assim, fomos pacientemente copiando o lindo poema relativamente longo, 19 estrofes, que assim foi iniciado pelo poeta Vinícius:

Sete em cores, de repente  
O arco-íris se desata  
Na água límpida e contente  
Do ribeirão da mata.

Na véspera, a cortina d'água amazônica nos ofereceu o espetáculo do mais belo arco-íris que eu jamais tinha visto, de modo que esta imagem estava muito presente em nossos corações.

A partir de cada roteiro, os professores escreveram os seus textos. E difícil transmitir aqui a riqueza dos 198 textos produzidos, dos quais transcrevo apenas um, a título de exemplo:

#### *História do Noé*

Era uma vez teve um homem chamado Noé.  
Um dia Deus falou com ele e disse.  
Noé faça uma arca grande de duas andares, quando tiver pronto,  
Vou mandar um grande, chuva para destruir-las o mundo.  
Porque todos os povos da terra desobediente a Deus.  
Enquanto Noé trabalhou na Arca, todos os povos magaram e diziam,  
Noé quando vai prontar esse barco grande, quando vai lavar a terra tem tanta montanha.

Quando chegou o tempo que Deus marcou com Noé o trabalho que ele fez já tiver pronto.

Deus falou de novo com Noé e disse. Noé ante de tu e tuas famílias entraram Arca vou mandar todos os espécies de animais cada qual vão entrar femea e macho.

Quando terminaram de todos animais entram aí Noé entrou na Arca com todos as famílias.

Deus fechou a porta para que ninguém pode entrar.

Chegou o tempo, chovendo quarentas noite, quarenta dias.

E água subiu lagou todas terra os povos que viviam no mundo se morreram.

*Aqui eu deixo meu história*

*Muito obrigado professora*

Manuel Alfredo Rosindo

É interessante porque tanto na *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, quanto no meu relato oral, a desobediência dos homens para com Deus não aparece, e a ênfase está mais na maravilha do conteúdo da Arca do que no flagelo do dilúvio. No poema, a palavra Deus aparece apenas na décima quarta estrofe:

Os bosques são todos meus!  
Ruge soberbo o leão  
Também sou filho de Deus!  
Um protesta; e o tigre — Não!

No meu relato a pomba da paz e o arco-íris da aliança foram pontos importantes. Entretanto nos textos dos Ticuna aparecem trechos inteiros da Bíblia, copiados, memorizados ou reescritos.

O que de imediato me sugere duas coisas: a primeira é que a Bíblia é o único livro disponível na região, o que aliás acontece com a maior parte dos habitantes do Brasil, e, portanto, o único parâmetro textual que os Ticuna possuem; a segunda é que existe atualmente no imaginário dos Ticuna uma profunda influência das diversas igrejas atuantes na região, portadoras de uma visão maniqueísta, retaliadora e catastrófica do mundo. No caso particular deste tema, a idéia do castigo divino fica mais presente, pelo fato de chover torrencialmente no Alto Solimões durante longos períodos. Não foram poucos os professores que me perguntaram se Noé e a Arca de fato existiram e, aproveitando a deixa, se de fato vai haver o juízo final e o fim dos tempos, no ano 2000 como lhes afirmou o pastor.

Diante destes fatos, fico muito em dúvida se foi acertada a escolha dos textos. De um lado são belas histórias conhecidas pelos Ticuna na versão bíblica e que por isso caem como uma luva para os propósitos na forma de ensinar português, explicitados anteriormente. De outro lado acabam sendo temas carregados de sentidos opressivos e preocupantes. Erro ou acerto eu os venho cometendo desde o princípio, no curso de julho de 1993, talvez porque estas histórias sejam mitos fundadores do chamado pensamento ocidental cristão — do qual, querendo ou não, como professora sou integrante e porta-voz, talvez porque elas digam respeito às questões fundamentais de qualquer ser humano. De todo modo, tenho a impressão de que em nossos encontros, eu e os professores Ticuna somos inexoravelmente conduzidos para a discussão, por intermédio da literatura, dos vínculos possíveis entre criadores e criaturas. E como se uma força estranha, poderosa, nos levasse a cantar o problema da existência de Deus.

Neste trabalho procuro contribuir, de forma leiga no que tange às recentes e interessantes formulações da Educação Indígena, com alguns conceitos que estavam subjacentes aos procedimentos, que utilizei com os professores Ticuna, relatados acima. A idéia é que estas contribuições possam vir a ser incorporadas nos fundamentos para um curso de habilitação para o magistério.

Em primeiro lugar parti do pressuposto que deve haver uma continuidade entre a educação em geral e a educação Indigenista em particular, uma vez que em ambos os casos trata-se de pessoas buscando construir conhecimentos. Entretanto uma cultura minoritária em nosso país, como é o caso daquela dos Ticuna, pode ser facilmente aniquilada pela cultura dominante, e a educação tem sido secularmente o registro utilizado para esta finalidade. A interface entre a cultura Ticuna e a cultura "civilizada" tem sido truculenta e amplamente desvantajosa para os primeiros. Claro está que o propósito de um curso de magistério, nos moldes que estamos desejando, pretende fazer o inverso, isto é, valorizar a cultura Ticuna, colocando-a no seio de outras tantas culturas, para que cada Ticuna possa dizer, usando aqui as palavras de Francis Bacon, "tomei todo o conhecimento humano por minha província".

Uma educação que pretenda ser iluminista, isto é, que intencionalmente ensina o saber construído e sistematizado pela humanidade até o momento, não é necessariamente uma catequese, não implica o extermínio das culturas locais, e sim busca alimentar os fluxos entre o particular e o universal, democratizando o acesso a todo e qualquer conhecimento, a toda e qualquer pessoa.

Penso que a Educação Indígena precisa ser inventada pelos próprios índios, que, forçados pela necessidade de modernização

imposta pela contemporaneidade, podem incorporar à sua cultura a escrita, suas funções e conseqüências e o mundo dos signos, sem perder sua força e originalidade.

*Referências bibliográficas*

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

• MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [19--].